

CARTA AOS JOVENS ESTUDANTES¹



Passo Fundo, 20 de maio de 2014.

Olá meus jovens!

Muitas vezes nós professores nos reunimos e chegamos à conclusão de que não conseguimos estabelecer com vocês a comunicação que gostaríamos. Queremos dizer a todos que nós professores nos preocupamos com vocês e percebemos que conhecemos vocês muito menos do que gostaríamos. Sabemos que vocês passam por uma fase difícil em suas vidas e que, em breve, terão que encarar a fase adulta. Essa fase adulta é o que chamamos de futuro e esse futuro está sendo plantado agora, nesse instante, e que depende de cada um de vocês. Bom, numa tentativa de nós professores nos aproximarmos de vocês, combinamos que eu deveria contar minha história.

Sou professor hoje, mas um dia fui jovem, mas não um jovem comum com uma casa, um pai e uma mãe. Nasci órfão e perambulei pelas ruas. Na idade de vocês, fugindo da polícia com um tiro na perna (marca que até hoje trago na minha perna esquerda), fui parar em Porto Alegre. Nessa cidade, morei, na maioria das vezes, em pensões para rapazes, onde todos que moravam lá eram do interior. O primeiro lugar que morei era úmido e fazia muito frio no inverno. Lá fiquei por alguns anos. Conheci todos os tipos de drogas, bebia muito, algumas vezes fui parar na FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), que era, na realidade, uma prisão para menores infratores, onde nós sofríamos todos os tipos de abusos, éramos espancados e torturados, humilhados de todas as formas, o que, em muitas pessoas, causava mais revolta. Graças a Deus, sempre consegui fugir de lá. Bom, sempre estudei, pois forjava amigos adultos para se responsabilizarem por mim, embora tenha sido expulso da escola pelo menos duas vezes, era um jovem adolescente rebelde, revoltado e, quando não era tratado com carinho, queria logo quebrar tudo e todos. Na escola, me revoltava contra aqueles professores que não me davam atenção. Eu era aquele jovem “espelho”, de acordo com meu psicólogo: se não olhassem para mim com um belo sorriso ou não me dessem atenção, logo não gostavam de mim e já tinham minha antipatia. Demorei a aprender que isso era problema afetivo meu e que eu também não procurava me aproximar ou conquistar as pessoas, pois nem todo mundo estava ali para prestar atenção em mim ou para distribuir sorrisos. Demorei a perceber que professores eram seres humanos como eu, que tinham problemas e estavam ali para trabalhar e, muitas vezes, pelo excesso de alunos ou carga horária nas escolas, não tinham tempo para detalhes ou para mimar um adolescente com problemas. Hoje sei que, quando um jovem faz de tudo para chamar a atenção na sala, é por que ele está precisando de atenção, de ajuda muitas vezes; e que se eu, como professor, não lhe ajudar, suas chances de se entender como sujeitos no mundo podem ser diminuídas.

Lembro-me da falta que um pai ou uma mãe fazia em minha vida, principalmente, quando ia a algum parque e via um pai amoroso pondo seu filho em um balanço e eu estava sozinho, sem ninguém para me empurrar. Lembro-me também das festas de fim de ano como o natal, onde, na rua, passava perto de casas cheias de gente feliz, fazendo festa, com muita comida, crianças ganhando presentes e eu fingindo que estava tudo bem, indo para meu quatinho de pensão, pois quase sempre conseguia dinheiro para pagá-lo, trabalhando como carregador de caminhão para um amigo caminhoneiro.

¹ Carta produzida, em maio de 2014, pelo professor Mario A. Gomes e trabalhada coletivamente com os alunos pelo grupo de professores da Escola Estadual de Ensino Médio Anna Luísa Ferrão Teixeira, Passo Fundo/RS, integrantes do Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio, sob a coordenação da professora Neusa Andreolla.

Passava o dia todo carregando saco de 50 quilos de feijão nas costas de um lado para outro e, às vezes, de ajudante de pedreiro ou outros biscates que surgiam.

Mesmo com tudo isso, nunca deixei de estudar. Uma vez, na minha adolescência, estava desempregado e sem dinheiro, mesmo assim, catava moedas até a parada de ônibus, pois minha escola era longe de onde eu morava. Todos meus colegas sabiam da minha vida e juntavam dinheiro para eu voltar. Lembro-me que nessa fase crítica de grana, sem ter o que comer muitas vezes e prestes a ser expulso da pensão onde morava, passava as noites pensando em suicídio e outras coisas terríveis. Tinha um amigo que morava nessa pensão que era jovem como eu e trabalhava de ajudante de cozeiro no cemitério e, quando ele volta ao meio dia do trabalho, jogava sempre uma banana gigante pela janelinha do meu quarto. Essa banana era muitas vezes meu almoço e única refeição. O tempo foi passando, me tornei adulto, servi quartel, e logo fui trabalhar em uma multinacional. Terminei com muito custo, já adulto, meu ensino médio. Mas, creio que sempre fui iluminado por Deus ou sei lá, tinha um anjo da guarda bom, pois logo conheci amigos do bem que me trouxeram a cultura como uma saída para a minha vida. Virei músico, baterista de uma banda rock. Fui músico até de uma banda famosa da época, que me permitiu conhecer o mundo. Com isso, conheci gente diferente de mim, com vidas diferentes da minha, mas que me ensinaram a entender que as portas só se abrem pra gente se aprendermos a conquistar as pessoas e nosso espaço no mundo com um grande sorriso. Sorrir passou a ser minha forma de comunicação, mesmo com aqueles que nunca entendi, que achava que não gostavam de mim.

Mas, sabia que isso não era o suficiente. Logo consegui uma forma de estudar e, bom, hoje sou professor, uma profissão que muito me orgulha. Tenho prazer no que faço, sou uma pessoa muito feliz, sempre estou bem ou procuro estar, pois sei por onde andei, sei onde estou e sou um vencedor. Tive, eu sei, um bom anjo da guarda, pois a maioria dos jovens como eu estão na cadeia ou já morreram há muito tempo, ou são totalmente entregues ao vício, ou, ainda estão por aí querendo se vingar da vida.

Meus queridos alunos, não quero dar aqui lição de moral, pois não sou melhor do que ninguém, mas quando nos reunimos e o grupo de professores me pediu para contar minha história, a única intenção nossa era mostramos a vocês o quanto nós podemos escolher nossos caminhos e queremos, com esse relato de uma experiência pessoal, propormos uma troca de experiências. Vocês jovens possuem uma grande energia, capaz de grandes mudanças, pois o mundo logo será comandado por vocês. Seria possível trazer essa energia da juventude, suas experiências e saberes para juntos transformarmos a vida da escola? Como faria para usar seus esforços para se tornar mais rico culturalmente? Aceita o desafio do diálogo para que a escola seja um ambiente interessante para todos?

Se aceita, vamos fazer da escola um lugar com significado, onde se ampliam os horizontes, na qual professor e aluno se compreendam e trabalhem pelo mesmo ideal: viver e conviver bem em sociedade.

Atenciosamente,

Mário A. Gomes (Professor Mário de História)